

# CANTARES

## Celebração, poesia e devoção\*

Caio Fábio D'Araújo Filho\*\*

### A CHAVE HERMENÊUTICA

Cantares é a expressão maior da poesia que nasce entre um homem e sua mulher. Isso sem desconsiderarmos toda a gama variada de opções interpretativas que o livro oferece. Aliás, ele é visto mais comumente como um texto espiritual de sentido vertical caracterizador das relações do homem com a divindade, de Israel com Javé, do Messias com o crente.

Desde o primeiro século da nossa era começaram os judeus piedosos a considerar cantares uma **alegoria** da relação de Javé com Israel. O rabino Akiva, já no segundo século, afirmou ser este livro o mais santo dos textos da Escritura e de um valor incalculável para Israel. Isso em razão de que se cria que nele se acha a afirmação maior da poesia devocional de Israel para com Deus e a legitimação do amor divino em favor de Israel.

Na perspectiva cristã-exegética foi Orígenes, especialista em alegorias, quem começou a ver no texto de Cantares alusões ao amor mútuo entre Cristo e a Igreja. Na época da Reforma Protestante o livro esteve para ser expurgado do cânon Sagrado, só permanecendo graças à interferência de Calvino, que o fez permanecer sob a alegação de que se tratava de uma alegoria espiritual.

A relutância dos reformadores em fazer Cantares permanecer na relação dos livros inspirados acontecia em razão de ainda estar presente e enraizada na perspectiva deles a mentalidade católica-medieval anti-sexual ou pelo menos imputadora de um papel pecaminoso ao sexo.

No nosso século, Watchman Nee, o escritor cristão chinês, celebrizou-se por seu estilo alegorista, inclusive mediante a belíssima exposição comentada que fez do "Cântico dos Cânticos", como se auto-intitula o livro de Cantares (1.1).

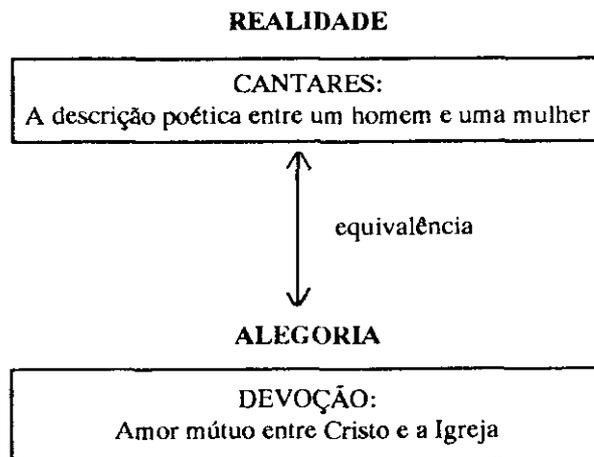
Ao meu ver é inquestionável que o livro de Cantares possa ser visto como alegoria ou, melhor ainda: como parábola. Minha lamentação é que ele seja visto somente como tal.

Para que fique claro o que estou dizendo permitam a confecção de um gráfico:

---

\* Extraído do livro homônimo, editado pela Vinde, com autorização do autor.

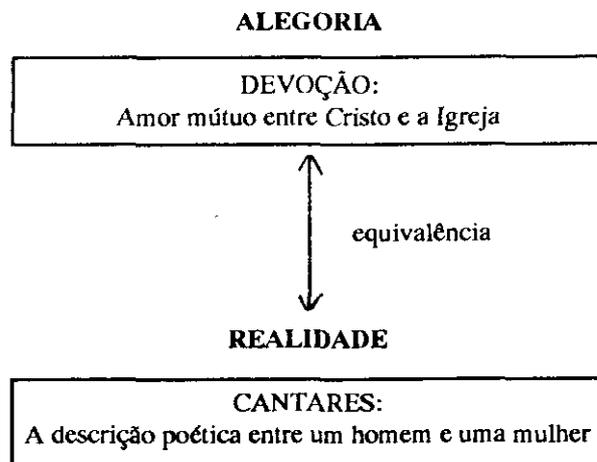
\*\* Caio Fábio D'Araújo Filho, pastor presbiteriano em Niterói, RJ, é presidente da Vinde e da Associação Evangélica Brasileira. Endereço: Caixa postal 100.084 - 24001 Niterói RJ.



Ora a **alegoria devocional** só é verdadeira se ela se basear numa **verdade real**; também só é utilizável se o fato no qual se inspira for igualmente utilizável; e só é éticamente boa se a realidade tomada como ilustração for do mesmo modo moral e pura.

A lógica nos conduz à seguinte reflexão: a alegoria só é legítima, tanto comparativa quanto moral e eticamente, se o paradigma, ou seja, o padrão, o modelo, *for igualmente legítimo, seja comparativa, seja eticamente.*

Isso nos leva a inverter o gráfico anterior:



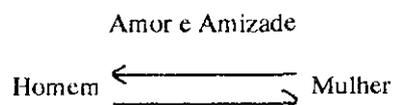
O que estou querendo dizer é que se o **histórico** gera a **alegoria**, e se o que é **físico** engravida aquilo que é **espiritual**, então é porque o histórico e o corpo-físico

---

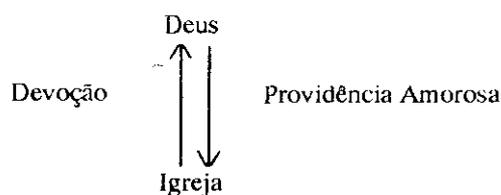
em tal caso, estão revestidos de dignidade e devocionalidade. É por isso que desta vez você vai ler\* um material sobre Cantares que não ignora a dimensão horizontal da relação existente no texto.

Em Cantares, portanto, há duas relações:

**Relação 1: Horizontal**



**Relação 2: Vertical**



No entanto, ainda que Cantares se apresentasse apenas na relação 1, ele mereceria estar no cânon, pois o amor entre um homem e sua mulher pode e deve ser visto como expressão de santidade e objeto de uma revelação específica de Deus quanto à sua poesia e prática.

Quando você estiver lendo as simples e singelas reflexões que seguirão este intróito, tenha em consideração algumas coisas básicas:

**Primeira:** O objetivo do livro. Meu objetivo é colocar você diante de um ideal. Lembre-se: de um ideal. Eu pessoalmente não sou diapasão afinado diante da harmonia da sinfonia do amor no "Cântico dos Cânticos", mas é pela sua melodia e notas que estou tentando afinar a minha orquestra conjugal.

**Segunda:** O meio de compreensão. Leia o livro como poesia pura, em voz alta, e deixe sua imaginação voltar no tempo e mergulhar nas águas profundas da encantação do amor.

**Terceira:** A atitude. Enquanto estou escrevendo esta introdução, antes de adentrar o véu do amor, nas páginas de Cantares, sinto-me cheio de temor e tremor, percebendo que estou diante da terra Santa. Parece estranho, mas Cantares, mesmo nos seus momentos mais íntimos, tem que ser lido como conto de santidade e poesia da pureza conjugal. Isso porque o amor conjugal dos cristãos deve também ser devoção a Deus entre um homem e sua mulher. Deve ser a **liturgia** do culto conjugal,

---

\* Recorde-se o leitor que aqui está reproduzida apenas a parte inicial do livro.

no santo altar do leito, na oferenda de corpos gratos e entregues um ao outro sem egoísmo, na dança ritual do amor e do prazer, em meio à melodia da respiração feliz, no ideal de gerar alegria e bem estar no outro.

Se eu não pudesse encarar desse modo o próprio ato conjugal, de duas eu escolheria uma opção: ou tornar-me-ia celibatário ou consideraria meu leito uma fuga à santidade, sempre que tocasse em minha esposa. Mas quero viver a vida com a perspectiva daquele que disse: "E tudo quanto fizerdes, fazei-o para a glória de Deus" (1 Co 10.31). É por essa razão que resolvi chamar a esse trabalho de "Cantares: celebração, poesia e devoção".

Meu desejo mais sincero, portanto, é contribuir, sem desmerecer os esforços de outros no passado, para que o "Cântico dos Cânticos" seja a canção de muitos dos meus irmãos e irmãs casados. Todavia, deve ficar também claro, que o presente texto não é, não pretende e mesmo não poderia ser um texto especializado no assunto. Muito mais em função das minhas próprias limitações no campo da erudição, do que pela falta de desejo de que o mesmo o fosse.

## UMA BREVE PERSPECTIVA DE ALTERNATIVAS HISTÓRICAS À INTERPRETAÇÃO DE CANTARES

Quando pensei em escrever sobre o Cântico dos Cânticos, o fiz com o desejo de que o mesmo fosse um texto dos mais simples, desprovido de todos aqueles jargões exegeticos e técnicos, com as freqüentes notas de rodapé, que costumam caracterizar os comentários bíblicos. Todavia, mesmo mantendo intactas minhas intenções originais -afinal, nem eu sou um erudito e nem o livro se destina a eles- concluí que seria útil ao público leigo um mínimo de orientação a respeito daquelas que são as perspectivas básicas pelas quais se vê o livro de Cantares.

### 1- E encontro na vinha

H. A. Ironsaide imaginava assim a confecção do poema: O Rei Salomão tinha um vinhedo na zona montanhosa de Efraim, a uns 80 km ao Norte de Jerusalém (8.11). Para cuidar do vinhedo ele contratou arrendatários (8.11), compostos por uma mulher, dois filhos (1.6) e duas filhas: a sulamita e a sua irmãzinha (6.13). A Sulamita era a bela da família, ainda que passasse despercebida (1.5). Seus irmãos talvez fossem apenas filhos de sua mãe (1.6). Sobre a Sulamita recaíam grandes responsabilidades que lhe eram impostas pelos irmãos. Por isso não lhe sobrava quase nenhum tempo para o trato pessoal (1.6). Seu cuidado com a vinha era dioturno e indômito (2.15). Também cuidava de rebanhos nas "horas vagas" do dia (1.8). Por estar tão exposta ao sol bronzeou-se demais e machucou a pele (1.5).

Num certo dia chegou ao vinhedo um forasteiro elegante e bonito. Era Salomão, desfigurado para não ser reconhecido. Demonstrou interesse pela jovem vinhateira, que se sentiu incomodada por julgar que seu aspecto pessoal estava feio (1.6). Ela, no entanto, tomou o forasteiro por um pastor de ovelhas, e perguntou-lhe onde estava o seu rebanho (1.7). Ele lhe respondeu com evasivas (1.8), porém, ao

---

mesmo tempo, lhe falou palavras de amor (1.8-10). Prometeu-lhe também que no futuro lhe traria presentes caros (1.11). Salomão encantou o coração da jovem e lhe prometeu que um dia voltaria. De noite ela sonhava com ele e em certas ocasiões ela cria que ele estava voltando (3.1). Finalmente, um dia, ele voltou com todo o seu majestoso esplendor para fazê-la sua esposa (3.6-7).

Se essa interpretação histórica está correta, então há apenas dois personagens centrais na história: Salomão e a Sulamita. Além disso, a narrativa supra serve apenas para explicar o contexto histórico de um terço do livro, pois pára sua montagem em 3.6-7. No entanto, é justamente daí em diante que se desenrolam os principais poemas conjugais. Nada invalida tal interpretação histórica, desde que se permita que o livro permaneça aberto, a fim de que seja mais do que um ensaio sobre o namoro, porém uma descrição do namoro (até 3.6-7) e do casamento, no desenrolar poético, até ao final dos Cânticos.

## **2- O rico e o pobre disputando o coração de uma mulher**

Heinrich Ewald (1826) afirmava que são três os personagens básicos envolvidos no Cântico dos Cânticos: Salomão, a Sulamita e um pastor de ovelhas.

Ewald interpretou "o amado" como um pastor de ovelhas pelo qual a Sulamita era apaixonada e de quem estava noiva, antes de ser capturada e levada para o palácio por um dos servos de Salomão. Depois dela ter resistido a todas as tentativas que o Rei fez a fim de conquistá-la, é feita livre e retorna ao seu amante, com quem ela aparece na cena final .

Os que lêem o livro desta forma dividem-no numa seqüência mais ou menos assim:

\* A jovem relembra o seu amado (1.2,3).

\* Pede que ele logo a leve de volta, pois o Rei a introduziu nas seduções da corte (1.4). Suas recordações acerca do amado a perturbam (1.7).

\* Na luta por conquistá-la o Rei tenta seduzi-la com jóias (1.11) e perfumes (1.12). Mas ela prefere o cheiro do campo que há no corpo de seu amado (1.13,14). Ela se recorda de uma visita feita pelo seu amado e de um sonho que se seguiu a isso (2.8-3.5). Depois disso ela é novamente visitada e louvada por Salomão (3.6-4.7). Imperturbável, a jovem relembra as palavras de seu amado e antecipa seu dia de casamento com ele (4.8-5.1). Nesta expectativa sua mente fica impregnada com as lembranças do seu amado. Por isso, ela sonha com ele e o descreve (5.2-6.3). Nesse ínterim ela recebe mais uma visita de Salomão, que tenta conquistar o seu amor (6.4-7.9). Ela, no entanto, mantendo sua fidelidade ao jovem pastor, resiste às tentativas do Rei (7.10-8.3). Depois disso Salomão a liberta verificando ser impossível conquistar-lhe o coração (8.4-14).

Pessoalmente sou seduzido a aceitar esta interpretação. Isso porque essa maneira de ver as coisas descreve um amor que não se deixa domesticar. Tal história seria digna de figurar como um texto sagrado. No entanto, não posso aceitar essa interpretação histórica do texto pelas seguintes razões:

1 - Aceitá-la implica em negar a autoria de Salomão -pois o Rei não

descreveria de si mesmo tal fracasso. E a autoria de Salomão é uma afirmação antiquíssima, tanto no judaísmo como no cristianismo. Aliás, até que Ewald montasse a sua perspectiva (1826), não se conhecia outra interpretação. Acho temerário negar mais de dois mil anos de história por causa de uma bela montagem textual. Ademais, Cantares se presta também para outras montagens históricas convenientes. Espaço é o que não falta em meio à heteridade da poesia. É fácil conduzir um texto poético em muitas direções opostas.

2 - Aceitá-la também significaria esquecer inúmeros outros aspectos do texto que se embutem perfeitamente bem, pura e simplesmente, ao amor de Salomão e da Sulamita.

No nosso singelo e não exaustivo comentário de Cantares, você perceberá que não nos preocupamos em fazer uma leitura histórica seqüenciada do texto. Nem sei se esse foi o objetivo do escritor de Cantares quando o compôs. Minha única preocupação foi a de fazer uma leitura fenomenológica dos sentimentos e motivações implicadas na poesia, a partir da pressuposição tradicional de que se tratava de uma descrição do amor de Salomão e da Sulamita.

Caso você vá fazer uma leitura baseada na crítica literária, seja qual for a sua ótica interpretativa, este trabalho lhe oferecerá muitos "panos para as mangas", em relação ao modo leigo mediante o qual ele se apresenta.

Todavia, se você ler o livro com a ótica fenomenológica, perceberá que nele há material que pode ser muito útil à compreensão do estado febril do amor que nasce entre um homem e uma mulher, bem como do ideal sublime que nele se encerra.

A opção é sua. Você pode portar-se diante deste livro como um cirurgião com um bisturi na mão, ansioso por encontrar enfermidades; ou como um garoto com um sorvete na mão, ávido por mergulhar no seu sabor. Eu tenho certeza de que sua(eu) companheira(o) preferirá que você faça a segunda opção.

## A FORÇA DO AMOR

O livro de Cantares não exalta o amor como virtude sublime. Sem dúvida o amor é a mais sublime de todas as virtudes, mas quem quer meditar nele como tal deve ler outros textos, não Cantares. Quem sabe a sinfonia de Paulo em 1 Coríntios 13.4-8:

O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se recente do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão, havendo ciência, passará (...)

Não estou dizendo que no Cântico dos Cânticos não haja expressão dessa sublimidade. Ao contrário, o sublime está presente no livro mas não é um sublime que sublima, que se projeta para o imaginário, para o utópico-abstrato. É um sublime no

---

corpo, no sangue, nos lábios, na pele, na voz, e na amizade do homem e da mulher. É um sublime aqui e agora, na história cheia de ambigüidades e contradições. É um sublime apaixonado ao invés de fraternal, como é o caso de 1 Coríntios 13. É nesse sentido que Cantares não exalta o amor como virtude sublime, conquanto o exalte como uma espécie de sublime em imanência e não em transcendência. Em Cantares, a transcendência do amor é ser imanente no corpo, na alma e na trama da alegria dos cônjuges. Por isso, não fique esperando encontrar grandes conceituações de amor no livro. Os amantes de Cantares não filosofam nem conceituam o amor. Apenas deixam-se dominar por ele, permitem-se inebriar pelo seu cheiro e entregam-se sem resistência a sua magia. O amor não é definitivo em Cantares, apenas, às vezes, comparado àquilo que dá gosto e poesia à vida:

\* "É melhor que o vinho" (1.2b)

\* "Do teu amor nos lembraremos mais do que do vinho, não é sem razão que te amam" (1.4c).

Afinal, é "o vinho que alegra o coração do homem e da mulher" (Sl 104.15a). E o amor conjugal deve ser um banquete de almas, uma celebração de alegria pela prevalência de dois seres sobre o egoísmo, indômito adversário daqueles que desejam ser um.

Não nos é estranho que a linguagem do amor seja comparativa em relação ao vinho, pois é também ele (o vinho) que deve ser oferecido "aos que perecem (...) aos amargurados de espírito; para que bebam, e se esqueçam da sua pobreza, e de suas fadigas não se lembrem mais" (Pv 31.6). Pois que realidade faz esquecer mais eficazmente o infortúnio que o amor? É diante dele que a pobreza e a amargura são esquecidas pelo curto-eterno espaço do amor.

No curto espaço de amar, o eterno, o sem-fim, se faz presente. Na linguagem de Carlos Drummond de Andrade:

"O mundo é grande, e cabe nessa janela sobre o mar;  
o mar é grande e cabe na cama e no colchão de amar;  
o amor é grande e cabe no breve espaço de beijar."

No amor, o total invade o parcial, o eterno invade o temporal, o júbilo conquista a tristeza, o prazer vence o desconforto e a pobreza, a gratidão faz esquecer as fadigas.

Em Cantares o amor aparece com o ímpeto do desmaio, da perda dos sentidos, chega com a veemência da fraqueza que domina o corpo e a alma, traz consigo a força da rendição:

"Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs,  
pois desfaleço de amor" (2.5).

Diante do amor, o egoísmo fica tomado de anemia, o orgulho deixa de oferecer resistência, e o corpo dominado pela impotência não consegue esboçar reação de rejeição. Por isso os apaixonados são fracos. Em Cantares o amor não é chamado de grande ou majestoso ou sacrificial, mas de belo. Trata-se de um

sentimento lindo, fascinante:

"Que belo é o teu amor, ó minha irmã, noiva minha!" (4.10)

Esse amor pode e deve ser belo porque se inspira no amor rasgado, partido, moído, usado e ensangüentado daquele que por nós se deu:

"Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8).

O amor no Cântico dos Cânticos é rendição assumida e divulgada, é estado de entrega declarado, é vertigem das forças frias da razão ante o exército avassalador da paixão que sitia o coração, despotizando-o, enfraquecendo-o nas suas próprias possibilidades de dizer não àquele que o domina:

"Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,  
se encontrardes o meu amado, que lhe direis?  
Que desfaleço de amor" (5.8).

No contexto do "Cântico dos Cânticos" o amor tem paladar, tem sabor, tem tempero, é apetitoso, inspirador de prazer:

"Quão formosa, e quão aprazível és,  
ó amor em delícias" (7.6).

No entanto, nem só de cheiro, gosto, alegria, prazer e vantajosa rendição vive o amor. Em Cantares esse amor é também luta, combate, guerra e morte. É amor que enfrenta a própria possibilidade de morrer. Em Cristo, o amor foi mais forte do que a morte, porque tanto por amor ele enfrentou a morte, como também por amor dela ressuscitou (Rm 4.24-25). Mas no nosso livro de afeições e de extasiamentos entre um homem e sua mulher, como pode o amor ser forte como a morte?

"O amor é forte como a morte" (8.6).

A equivalência da força do amor em relação à morte, no cotidiano apaixonado de dois seres humanos, marido e mulher, não está nem na sua longevidade, nem na sua prevalência sobre o fato da morte. Está, sim, na determinação irremovível, inafastável e inexorável de ambos caminharem na procura e na promoção da felicidade. O amor é forte como a morte porque quem morre por amor enfrentou cara a cara a morte e prevaleceu. Perde na luta contra a morte, não quem morre, mas quem foge dela. No entanto, literalmente falando, o texto está aludindo à invencibilidade ordinária da morte. É uma maneira comparativa de dizer: o amor é invencível, jamais acaba. É forte como a morte porque ela sempre vem de antemão vitoriosa.

O amor é forte como a morte quando a vida é um dar da vida pelo outro, especialmente o outro-eu, o cônjuge, minha carne noutro corpo até a morte. Deve ser em razão desse poder triunfante e conquistador do amor que em Cantares se repete um fascinante estribilho:

"Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,  
que não acordeis nem desperteis o amor,  
até que este o queira" (8.4).

Quando o amor chega, a sua força se instaura nos seus conquistados de tal forma que a própria personalidade, temperamento são parcialmente alterados:

"Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,

pelas gazelas e cervas do campo,  
que não desperteis o amor,  
até que este o queira" (2.7; 3.5).

Gazelas e cervas são animais conhecidos na poesia oriental por sua timidez e recato. Assim é o amor: é, ele faz com que até os tímidos se declarem, e os recatados se aventurem para além dos limites de suas estreitas fronteiras de expressões. Se você tem dúvida do que estou afirmando, então é só imaginar, ou melhor, lembrar como ficam os apaixonados: falantes, desinibidos, soltos, livres, soprados pela brisa da poesia, encantados.

Mas o estribilho do silêncio e das ações cautelosas, para que não se acorde o amor de seu sono, de seu inverno na alma, de seu leito de sossego, visa revelar também esta outra verdade: *Tenha cuidado para não provocar aquilo que pode se tornar irreprimível.*

Tal cautela refere-se àqueles que ainda não foram atingidos pela força mortal e paradoxalmente vivificadora do amor. É por isso que é a mulher casada quem diz às amigas solteiras:

"Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,  
pelas gazelas e cervas do campo  
que não acordeis nem desperteis o amor,  
até que este o queira".

Amar é mais que ser feliz; é perder o direito à auto-felicidade em favor do outro; é ser feliz na felicidade promovida para o cônjuge; é realizar-se realizando; é completar-se completando; é beber o refluxo do nosso próprio fluxo abençoador; é vida entregue e repartida com o objeto-humano de nossa caminhada.

Mas o estranho é que esse amor que se dá, que se entrega, que conquista e se deixa conquistar é, paradoxalmente, pleno de auto-estima e dignidade. Seu padrão é elevadíssimo. Sua ética de entrega determina que ele não negocia com coisa alguma. Ele se coloca acima de riqueza, suborno, jogo de interesses:

"ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado" (8.7).

O interessante no texto é que quem fala ao Rei -forte, majestoso e dono de tudo- é a sulamita, mulher bela, porém simples e pobre (6.13; 8.1-3).

A afirmação da mulher é que seu amor não tinha preço. Dera-se a ele por amor, nada mais. Escolhera ser serva do amor, mas jamais se deixaria impressionar pelos tesouros do amante.

Assim é o amor adulto e santo: é confiante, digno, invendável, sem preço. Está acima do poder de compra e barganha. É sentimento inegociável.

A oferta de bens, adornos, casas e tesouros a fim de obtê-lo, recebe como resposta o *desdém*:

"seria de todo desprezado".

Os que tentam substituir o afago pelo vestido, a carícia pela jóia, a voz doce pela serenata paga, a gentileza pelo luxo, a amizade pela diversão, a alegria e o prazer pelo humor comprado, acabarão sendo desprezados.

---

O amor em Cantares é sobrevivente mesmo nos dilúvios e nas pororocas da vida:

"As muitas águas não poderiam apagar o amor nem os rios afogá-lo"  
(8.7a).

O amor trafega na Arca da salvação, sobrevive com sua chama mesmo no coração do mais caudaloso rio.

A idéia é a de uma tocha de fogo que sobrevive à enxurrada e à imersão.

O amor vence as intempéries, o calor, o desconforto, a pobreza, as catástrofes, as bancarrotas e os dilúvios do medo, da violência e da oposição.

Amar é levar nas mãos a "pira Olímpica" que sobrevive aos jogos da vida e é testemunha da vitória e prêmio dos perseverantes.

Assim é o amor em Cantares: alegre como o vinho, delicioso como os mais inebriantes acepipes e manjares, irresistível como o desmaio, inexorável como a morte, inapagável como chama na olimpíada da vida e invendável, como tudo que não tem preço.

É a procura pois desse ideal e dessa utopia em carne e osso que o homem e mulher devem pôr-se a caminho.